

**REDES SOCIAIS E SUBJETIVIDADE  
CONTEMPORÂNEA: IDENTIDADE, FELICIDADE E  
SOCIEDADE DO ESPETÁCULO**

Bianca Maria da Conceição Souza Moura Falcão<sup>1</sup>  
Brunna Beatriz Silva e Souza<sup>2</sup>

**RESUMO**

A análise dos impactos das redes sociais revela seu papel central na construção da subjetividade contemporânea, especialmente no que se refere à identidade, à felicidade e à sociedade do espetáculo. O objetivo do estudo foi compreender como essas plataformas moldam formas de interação, de reconhecimento e de produção de sentido na vida social. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, fundamentada na leitura e análise crítica de cinco trabalhos acadêmicos sobre o tema, complementada por referenciais teóricos de autores como Zygmunt Bauman, Manuel Castells, Gilles Lipovetsky, Stuart Hall, Joel Birman, Viktor Frankl, Mikhail Bakhtin e Guy Debord. Os resultados evidenciaram que as redes sociais apresentam caráter ambivalente ao mesmo tempo em que ampliam horizontes de sociabilidade, informação e criatividade, também reforçam padrões normativos, intensificam o narcisismo, estimulam a espetacularização da vida e geram riscos à saúde mental. Identificou-se, ainda, que a felicidade, na contemporaneidade, é convertida em imperativo social e em mercadoria simbólica, circulando nas redes como performance pública em busca de validação. Conclui-se que as redes sociais, estão longe de serem neutras, configuram-se como espaços de produção de subjetividade que refletem e intensificam as contradições da sociedade atual. Torna-se, portanto, necessário desenvolver práticas críticas de uso, capazes de potencializar benefícios e reduzir riscos, promovendo formas mais equilibradas e emancipatórias de convivência digital.

**Palavras-chave:** Redes sociais, Subjetividade, Identidade, Sociedade do espetáculo.

**ABSTRACT**

The analysis of the impacts of social networks reveals their central role in the construction of contemporary subjectivity, especially regarding identity, happiness, and the society of the spectacle. The objective of the study was to understand how

---

<sup>1</sup> Pós-graduada em Direito Médico e da Saúde pela Legale Educacional SA, Graduada em Direito pela UNP. Email: [biancafalcaoadv@gmail.com](mailto:biancafalcaoadv@gmail.com).

<sup>2</sup> Pós-graduada em Direito do Trabalho pela Legale Educacional SA, Graduada em Direito pela UNP. Email: [brunnabeatriz22@hotmail.com](mailto:brunnabeatriz22@hotmail.com)

these platforms shape forms of interaction, recognition, and meaning-making in social life. The methodology used was bibliographic research, based on the reading and critical analysis of five academic works on the subject, complemented by theoretical references from authors such as Zygmunt Bauman, Manuel Castells, Gilles Lipovetsky, Stuart Hall, Joel Birman, Viktor Frankl, Mikhail Bakhtin, and Guy Debord. The results showed that social networks present an ambivalent character: while they broaden horizons of sociability, information, and creativity, they also reinforce normative patterns, intensify narcissism, stimulate the spectacularization of life, and pose risks to mental health. It was also identified that happiness, in contemporary times, is converted into a social imperative and a symbolic commodity, circulating on networks as a public performance in search of validation. It is concluded that social networks are far from neutral; they are configured as spaces of subjectivity production that reflect and intensify the contradictions of today's society. Therefore, it becomes necessary to develop critical practices of use, capable of enhancing benefits and reducing risks, thus promoting more balanced and emancipatory forms of digital coexistence.

**Keywords:** Social networks, Subjectivity, Identity, Society of the spectacle.

## INTRODUÇÃO

As transformações sociais, culturais e tecnológicas das últimas décadas colocaram as redes sociais no centro da vida contemporânea. Plataformas como Facebook, Instagram, TikTok, Twitter e Pinterest deixaram de ser apenas espaços de interação e lazer, tornando-se arenas de produção de subjetividades, de circulação de discursos, de reforço ou desconstrução de identidades, além de ambientes de consumo e espetacularização da vida cotidiana.

A comunicação, historicamente entendida como mecanismo essencial de interação humana, assume hoje novos contornos mediados pelas tecnologias digitais. A facilidade de acesso às plataformas, somada ao alcance global e à velocidade de difusão das informações, transformou a forma como os sujeitos se relacionam consigo mesmos, com os outros e com o mundo. Essa nova configuração, porém, não está isenta de contradições ao mesmo tempo que favorece a conectividade, a expressão individual e a criatividade, também potencializa riscos relacionados à saúde mental, à comparação constante, à disseminação de preconceitos e à intensificação do narcisismo.

Nesse cenário, surgem fenômenos como a espetacularização da vida, em que a experiência cotidiana se torna palco de exibição, buscando curtidas, validação e reconhecimento. A felicidade, antes pensada como uma experiência subjetiva e íntima, passa a ser transformada em imperativo social e mercadoria, frequentemente mediada pela lógica do consumo e pela necessidade de aprovação nas redes. Além disso, algoritmos e dispositivos eletrônicos moldam as escolhas e comportamentos dos indivíduos, influenciando diretamente padrões de consumo, de informação e até mesmo de interação social.

Diante dessas questões, este artigo tem como objetivo analisar

criticamente os impactos das redes sociais na construção da subjetividade contemporânea, com foco em três dimensões principais: a identidade, a felicidade e a sociedade do espetáculo. A proposta é articular contribuições de diferentes estudos que abordam os efeitos positivos e negativos dessas plataformas, destacando como elas podem simultaneamente gerar possibilidades de emancipação e de adoecimento.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão dos impactos das redes sociais digitais na constituição da subjetividade contemporânea exige a articulação de diferentes aportes teóricos que analisam as transformações sociais, culturais e simbólicas da atualidade. O referencial teórico deste estudo fundamenta-se em autores que discutem a sociedade em rede, o individualismo contemporâneo, a cultura da imagem e a lógica do espetáculo, permitindo uma abordagem crítica acerca das dinâmicas que atravessam o ambiente digital. A partir desses referenciais, busca-se compreender como as redes sociais não apenas modificam formas de comunicação, mas também reconfiguram identidades, modos de reconhecimento e experiências subjetivas na contemporaneidade.

### **Contemporaneidade e sociedade em rede**

A contemporaneidade é marcada por profundas transformações nas formas de interação social, nas concepções de identidade e nas estruturas culturais. O avanço da tecnologia da informação e a popularização da internet configuraram um novo modelo de sociabilidade a sociedade em rede. Para Castells (1999), rede é um conjunto de nós interconectados que, no ambiente digital, se traduz em conexões dinâmicas e flexíveis que reconfiguram os modos de ser e de se relacionar.

Essas transformações atingem a subjetividade e o próprio “mal-estar” do sujeito moderno. Joel Birman (1999) argumenta que, se a modernidade era regulada por normas rígidas que garantiam segurança em detrimento da liberdade, a pós-modernidade se caracteriza pela inversão dessa lógica oferece uma liberdade de escolhas quase ilimitada, mas acompanhada de um déficit de segurança e de estabilidade existencial.

Bauman (1998) denomina esse processo como modernidade líquida, em que as relações sociais, os vínculos e as identidades tornam-se frágeis, transitórias e mutáveis. Nesse cenário, a identidade deixa de ser algo fixo e passa a ser constantemente reinventada e negociada. As redes sociais, ao reforçarem a cultura do consumo e da imagem, tornam-se espaços privilegiados para a experimentação dessas identidades, enquanto geram inseguranças e fragilidades.

### **Narcisismo, individualismo e a cultura da imagem**

Um dos traços mais marcantes da subjetividade contemporânea é o narcisismo. Lipovetsky (2005) aponta que vivemos na era do vazio, em que a lógica social individualista e hedonista é impulsionada por objetos e signos de consumo. Nesse contexto, o sujeito busca incessantemente ser visto e valorizado, alimentando a necessidade de reconhecimento e aprovação.

As redes sociais potencializam esse processo, funcionando como vitrines identitárias em que se expõem conquistas, imagens e estilos de vida. A busca pela “vida perfeita” é reforçada pela lógica algorítmica que prioriza conteúdos esteticamente atrativos e engajadores. Como mostram Nunes e Jesus, esse movimento pode conduzir a um vazio existencial, no qual o sujeito, mesmo hiperconectado, se sente isolado e adoecido.

Birman (2006) acrescenta que o corpo, nesse contexto, passa a ser um lugar privilegiado de inscrição do mal-estar. O culto à aparência e a constante insatisfação com a própria imagem são efeitos diretos da cultura narcisista, intensificada pela exposição constante nas redes.

### **Linguagem digital e subjetividade**

Outro aspecto essencial é o impacto da linguagem digital. Como observam Pompei, Gouveia e Ramos, as redes sociais não apenas possibilitam a comunicação, mas também criam formas linguísticas, como o internetês, emojis e memes. Essas práticas ressignificam a linguagem, criando formas de expressão híbridas entre o verbal, o visual e o simbólico.

Segundo Bakhtin (2016), toda palavra é um fenômeno ideológico, orientado para um interlocutor. Nas redes sociais, essa característica se amplifica cada publicação é uma enunciação que visa uma audiência potencialmente ilimitada. A linguagem digital, ao mesmo tempo em que amplia a criatividade e a pluralidade de vozes, também gera tensões, pois se torna veículo para preconceitos, intolerâncias e discursos de ódio, reforçando desigualdades sociais e culturais.

### **Sociedade do espetáculo**

Guy Debord (1970), em sua clássica obra *A Sociedade do Espetáculo*, já antecipava a ideia de que a vida social seria progressivamente mediada por representações e imagens. Na era das redes sociais, essa previsão se concretiza de maneira radical. A vida cotidiana é transformada em espetáculo, em uma narrativa cuidadosamente editada para atrair atenção e reconhecimento.

Comiche e Gonçalves mostram que, nesse processo, a exposição nas redes sociais gera uma “narrativa de vida como show”, marcada pela

idealização e pela busca incessante de validação. Essa espetacularização, no entanto, pode gerar comparações prejudiciais, sentimentos de inadequação e pressões psicológicas.

Assim, o espetáculo contemporâneo não se restringe ao consumo de mercadorias, mas se expande para o consumo das próprias experiências de vida, convertidas em imagens e likes. Essa dinâmica reforça a lógica do mercado e do consumo, ao mesmo tempo em que fragiliza vínculos humanos autênticos.

### **Redes sociais e subjetividade**

A presença das redes sociais digitais na vida cotidiana transformou significativamente os processos de construção da subjetividade. Essas plataformas não apenas ampliaram as possibilidades de comunicação, mas também passaram a mediar formas de reconhecimento, pertencimento e valorização social. Ao deslocar experiências antes restritas ao âmbito privado para o espaço público digital, as redes sociais influenciam percepções de identidade, felicidade e autoestima. Nesse contexto, torna-se necessário examinar como essas dinâmicas impactam a constituição do sujeito contemporâneo, considerando tanto os mecanismos de validação social quanto seus efeitos emocionais e simbólicos.

### **Felicidade como imperativo contemporâneo**

Na contemporaneidade, a felicidade deixou de ser concebida como uma experiência íntima e subjetiva para se transformar em um imperativo social. Jordana Soares mostra que, nas redes sociais, a felicidade é constantemente exibida como conquista individual, frequentemente reduzida a imagens, frases motivacionais e conquistas de consumo. O sofrimento, por sua vez, adquire conotação negativa e deve ser ocultado, pois não gera engajamento.

Esse processo está vinculado ao que Birman (2010) chama de performatividade da felicidade não basta viver experiências prazerosas, é preciso expô-las, torná-las públicas, para obter a aprovação e a legitimação do olhar do outro. Assim, a felicidade é convertida em mercadoria simbólica, circulando nas redes como mais um objeto de consumo e de comparação. No entanto, a psicanálise evidencia que o sujeito é marcado pela falta estrutural, pelo desamparo, e que essa busca incessante pela completude é impossível de ser satisfeita. O resultado é o mal-estar contemporâneo, caracterizado pela frustração e pela sensação de inadequação diante de ideais inalcançáveis de felicidade.

### **Narcisismo digital e busca por validação**

As redes sociais potencializam a lógica narcisista já identificada por autores como Lipovetsky (2005). O sujeito contemporâneo encontra-se constantemente voltado para a exibição de si, procurando reconhecimento e validação social.

Essa busca incessante se materializa nas curtidas, comentários e compartilhamentos, que funcionam como equivalentes simbólicos de aprovação. Como destacam Nunes e Jesus, muitos usuários utilizam as redes como recurso de afirmação identitária, o que pode gerar dependência emocional e até adoecimento psíquico.

A autoimagem se torna um capital social, determinando o valor e a visibilidade do sujeito no espaço digital. O corpo, a estética e o estilo de vida passam a ser moldados para atender às expectativas da audiência. Esse processo intensifica comparações, gerando sentimentos de inferioridade e ansiedade, ao mesmo tempo em que reforça padrões excludentes de beleza e sucesso.

### **Influenciadores digitais e modelos de identidade**

Os influenciadores digitais ocupam lugar de destaque na sociedade contemporânea, funcionando como modelos identitários para milhões de seguidores. Como destacam Pompei, Gouveia e Ramos, eles exercem forte impacto sobre adolescentes e jovens, que buscam incessantemente novos referenciais de pertencimento.

O problema, porém, é que muitos influenciadores propagam padrões idealizados e mercantilizados de vida, reforçando desigualdades e exclusões. Ainda que possam desempenhar papéis positivos inspirando mudanças de comportamento, ampliando debates sociais ou democratizando informações, também se tornam veículos de propagação de preconceitos, discursos de ódio e consumismo exacerbado.

Nesse sentido, os influenciadores representam a ambiguidade das redes podem tanto ampliar horizontes quanto reduzir a subjetividade ao espetáculo e ao consumo.

### **Saúde mental e redes sociais**

O impacto das redes sociais sobre a saúde mental é um dos temas mais recorrentes na literatura. De acordo com Nunes e Jesus, o uso excessivo das plataformas está associado a sintomas de ansiedade, depressão, solidão e vazio existencial.

A lógica da comparação constante, aliada à necessidade de validação, cria um ambiente de pressão psicológica que compromete o bem-estar. Além disso, algoritmos moldam a experiência digital, prendendo a atenção dos

usuários em ciclos de engajamento contínuo, o que pode gerar dependência tecnológica.

Entretanto, não se pode reduzir as redes apenas a efeitos negativos. Como mostra Silva, elas também podem ser espaços de criatividade, aprendizado, sociabilidade e acesso à informação. A questão central está no uso consciente e equilibrado, capaz de potencializar benefícios e reduzir riscos.

## **EFEITOS POSITIVOS E NEGATIVOS DAS REDES SOCIAIS**

A análise das redes sociais digitais não pode ser realizada de maneira unilateral, pois essas plataformas apresentam características simultaneamente promotoras de benefícios e geradoras de riscos. Ao mesmo tempo em que ampliam possibilidades de comunicação, informação e interação social, também produzem impactos significativos na saúde mental, na dinâmica política e nas relações coletivas. Assim, torna-se necessário examinar de forma equilibrada os efeitos positivos e negativos decorrentes do uso dessas tecnologias, compreendendo sua influência tanto no âmbito individual quanto no social.

### **Potenciais benefícios**

Embora as redes sociais ofereçam inegáveis benefícios, os seus efeitos colaterais apresentam-se de forma contundente, afetando não apenas a saúde mental dos indivíduos, mas também a esfera social e política. Um dos fenômenos mais recorrentes é a comparação constante com realidades idealizadas, muitas vezes distantes da vivência concreta dos usuários. Segundo Silva (2021), esse processo reforça um narcisismo exacerbado e contribui para sentimentos de inadequação, baixa autoestima e ansiedade, fragilizando a construção da identidade pessoal em contextos digitais.

O adoecimento psíquico é outra consequência amplamente documentada. Estudos indicam que o uso excessivo das plataformas digitais está associado ao aumento de sintomas depressivos, solidão e dependência tecnológica (Gomes; Pereira, 2020). Esse processo é intensificado pela lógica algorítmica, que, ao capturar a atenção dos usuários por meio de conteúdos personalizados, cria ciclos de engajamento compulsivo e dificulta a regulação do tempo dedicado às interações virtuais. Como afirma Turkle (2017, p. 45), “as tecnologias de conexão produzem, paradoxalmente, experiências de desconexão interior e isolamento emocional”.

Além das consequências individuais, destacam-se os riscos coletivos. A circulação de fake news e desinformação tornou-se um dos principais desafios contemporâneos. De acordo com Lemos (2019), a velocidade de propagação dos conteúdos, aliada à ausência de filtros críticos eficazes, contribui para a disseminação de boatos e manipulações, gerando impactos sociais e políticos de

grande relevância. Esse ambiente também favorece o crescimento de discursos de ódio e preconceito. Como assinalam Pompei, Gouveia e Ramos (2022), as redes sociais têm sido instrumentalizadas para reforçar desigualdades de gênero, etnia e ideologia, legitimando práticas intolerantes que corroem a coesão social.

Outro impacto evidente diz respeito ao consumismo e à mercantilização da vida cotidiana. A exposição constante a influenciadores e marcas converte experiências pessoais em vitrines de consumo, apresentando felicidade e bem-estar como produtos a serem adquiridos. Bauman (2008) já alertava que a lógica da sociedade de consumo não apenas molda desejos, mas também transforma indivíduos em mercadorias, inserindo-os em um ciclo de constante insatisfação e busca por novidades.

Dessa forma, evidencia-se que os impactos negativos das redes sociais ultrapassam a dimensão individual, alcançando o coletivo e o político. Torna-se, portanto, imprescindível promover uma reflexão crítica sobre esses processos, com vistas à construção de estratégias de mitigação que articulem educação midiática, regulação tecnológica e conscientização social.

### **Ambivalência das redes**

Diante desses aspectos, evidencia-se a ambivalência das redes sociais elas podem tanto favorecer a emancipação e a criatividade quanto reforçar processos de alienação e adoecimento. O desafio contemporâneo é compreender essas plataformas de modo crítico, identificando formas de potencializar seus benefícios e mitigar seus riscos.

## **ESTUDOS DE CASO E EXEMPLOS**

A discussão teórica sobre redes sociais e subjetividade ganha maior profundidade quando articulada a exemplos concretos que evidenciam como essas dinâmicas se manifestam no cotidiano digital. A análise de plataformas específicas permite observar, de maneira prática, como processos como espetacularização, performatividade da felicidade, construção identitária e mercantilização da vida se estruturam nas interações virtuais. Desse modo, os estudos de caso a seguir ilustram como diferentes redes sociais operam na produção de sentidos e na consolidação de valores característicos da sociedade contemporânea.

### **A espetacularização da vida no instagram e tiktok**

As plataformas Instagram e TikTok tornaram-se símbolos da lógica da vida como espetáculo, conforme analisado por Comiche e Gonçalves. Nessas redes, a vida cotidiana é transformada em uma narrativa estética,

cuidadosamente editada para atrair atenção e gerar validação.

Os filtros de imagem, a edição de vídeos e os algoritmos que privilegiam conteúdos engajadores reforçam a tendência de exibir apenas momentos de sucesso, lazer ou conquistas, ocultando vulnerabilidades. Essa dinâmica cria um espaço de comparação permanente, em que os usuários confrontam sua realidade com versões idealizadas da vida alheia.

Esse processo é coerente com o diagnóstico de Debord (1970) em *A Sociedade do Espetáculo*, segundo o qual “tudo o que era vivido diretamente tornou-se representação”. A experiência da vida real recua para dar lugar a uma performance mediada, gerando sentimentos de inadequação e pressões psicológicas sobre aqueles que não se reconhecem nesses padrões idealizados.

### **O papel dos influenciadores digitais**

Os influenciadores digitais exemplificam a centralidade da imagem e da performatividade nas redes sociais. Como apontam Pompei, Gouveia e Ramos, sua atuação não se limita ao entretenimento, mas envolve a formação de opiniões, a promoção de estilos de vida e a propagação de valores culturais.

Muitos influenciadores constroem uma identidade pública que serve como modelo aspiracional para milhões de seguidores, especialmente adolescentes e jovens. Ao mesmo tempo, essa influência pode ser ambivalente enquanto alguns propagam debates sociais relevantes e democratizam informações, outros reforçam desigualdades e disseminam padrões inalcançáveis de beleza, sucesso e consumo.

Esse fenômeno reforça a lógica mercadológica, uma vez que a identidade do influenciador é frequentemente vinculada a contratos publicitários e estratégias de marketing digital. Assim, a fronteira entre identidade pessoal e produto comercial torna-se cada vez mais difusa, configurando um modelo de subjetividade condicionado ao mercado.

### **Pinterest como rede socioestética**

Diferentemente de outras plataformas mais centradas na espetacularização da vida, o Pinterest se destaca por sua ênfase no conteúdo criativo e inspiracional. Silva identifica essa rede como uma “plataforma socioestética”, na qual circulam imagens, ideias e projetos relacionados à arte, educação, cultura e design.

O Pinterest permite que os usuários colecionem conteúdos que estimulam não apenas o entretenimento, mas também o aprendizado e a criatividade. A pesquisa mostra que essa rede possibilita a articulação entre o virtual e o offline, uma vez que muitas postagens inspiram atividades práticas, como projetos artísticos, culinários ou educativos.

Essa característica evidencia o potencial positivo das redes sociais quando utilizadas como ferramentas de ampliação de repertório cultural, de incentivo ao conhecimento e de estímulo a práticas cotidianas saudáveis.

### **A felicidade como mercadoria nas redes**

O estudo de Soares sobre a hashtag felicidade no Facebook revela a tendência de transformar o bem-estar em produto simbólico de consumo. A análise mostrou que a maior parte das postagens associa felicidade a conquistas individuais, consumo de bens materiais ou momentos de lazer.

Essa dinâmica reforça o imperativo de ser feliz, que se converte em pressão social. Não basta vivenciar experiências satisfatórias é preciso exibi-las, convertendo-as em performances públicas. O sofrimento, por sua vez, é silenciado ou marginalizado, intensificando o mal-estar contemporâneo.

O caso evidencia como as redes sociais moldam os modos de subjetivação, transformando a própria experiência humana em mercadoria simbólica e espetacularizada.

## **DISCUSSÃO**

As análises realizadas ao longo deste artigo evidenciam a centralidade das redes sociais na construção da subjetividade contemporânea. Elas configuram-se como espaços de interação, expressão e construção de identidades, mas também como arenas de conflito, comparação e mercantilização da vida.

De um lado, os estudos apontam para os benefícios dessas plataformas. As redes sociais ampliam horizontes de sociabilidade, favorecem o acesso à informação, estimulam a criatividade e podem funcionar como ferramentas educativas e de mobilização social. Plataformas como o Pinterest, por exemplo, revelam o potencial criativo e estético que pode ser explorado de forma construtiva no ambiente digital.

De outro, há efeitos colaterais significativos. A espetacularização da vida cotidiana, diagnosticada por Debord (1970) e atualizada nas análises de Comiche e Gonçalves, gera um ambiente de constante comparação e de pressão pela validação social. O sujeito contemporâneo é forçado a expor sua felicidade, transformando-a em mercadoria simbólica, enquanto esconde sofrimentos e vulnerabilidades.

Nesse processo, emerge um paradoxo central embora as redes sociais ampliem as possibilidades de expressão individual, elas também reforçam padrões normativos de beleza, sucesso e felicidade. Assim, em vez de promoverem diversidade e autenticidade, muitas vezes intensificam a homogeneização de comportamentos e o consumo de imagens idealizadas.

Outro aspecto relevante é o papel dos influenciadores digitais. Eles se tornaram mediadores de identidades e valores, funcionando como espelhos nos quais os sujeitos contemporâneos buscam referências. Essa influência, porém, está intrinsecamente ligada à lógica mercadológica, o que gera a confusão entre identidade pessoal e produto de consumo.

A questão da saúde mental também merece destaque. O uso excessivo das redes sociais pode gerar dependência, ansiedade, depressão e solidão. A lógica algorítmica, ao prender a atenção dos usuários em ciclos de engajamento contínuo, reforça esse quadro, ao mesmo tempo em que dificulta práticas de uso consciente e equilibrado.

No entanto, é importante ressaltar que as redes sociais não são, em si, nocivas. Elas são ambivalentes podem ser instrumentos de emancipação ou de alienação, dependendo da forma como são utilizadas. Cabe, portanto, aos sujeitos e à sociedade desenvolver práticas críticas e reflexivas de uso, capazes de potencializar os benefícios e reduzir os riscos.

Assim, o grande desafio contemporâneo consiste em ressignificar a experiência digital, buscando equilíbrio entre exposição e privacidade, entre consumo e autenticidade, entre conectividade e autonomia. As redes sociais não devem ser apenas palco de espetáculo, mas podem ser ferramentas de diálogo, criatividade e transformação social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar criticamente os impactos das redes sociais na construção da subjetividade contemporânea, articulando as dimensões da identidade, felicidade e sociedade do espetáculo. A partir da integração de diferentes estudos, constatou-se que essas plataformas ocupam posição central na vida dos indivíduos, mediando formas de comunicação, expressão e interação.

Evidenciou-se que as redes sociais possuem um caráter ambivalente. De um lado, apresentam potenciais benefícios, como a ampliação da sociabilidade, o acesso rápido à informação, a promoção da criatividade, a formação de comunidades virtuais e a mobilização social. De outro, intensificam riscos relacionados ao narcisismo, à espetacularização da vida, à propagação de fake news, ao consumismo exacerbado e ao adoecimento psíquico.

Verificou-se que, na contemporaneidade, a felicidade se converte em imperativo social, sendo exibida como mercadoria simbólica nas redes. Essa lógica gera um cenário de constante comparação e pressão por validação, no qual o sofrimento é ocultado e a imagem pessoal é performada em busca de reconhecimento. Tal dinâmica reforça a cultura do narcisismo e contribui para o mal-estar subjetivo.

Os influenciadores digitais, por sua vez, exemplificam a centralidade da imagem e do espetáculo no espaço virtual. Embora possam democratizar informações e mobilizar causas sociais, também reforçam padrões inalcançáveis de consumo e beleza, atuando como agentes da mercantilização da vida.

Diante desse quadro, conclui-se que as redes sociais não podem ser compreendidas apenas como ferramentas tecnológicas, mas como espaços de produção de subjetividade, cujos efeitos repercutem na saúde mental, nas identidades e nos valores culturais. O desafio atual consiste em desenvolver práticas críticas e reflexivas de uso, capazes de ressignificar a experiência digital.

Perspectivas futuras de pesquisa e intervenção devem considerar estratégias que promovam o uso saudável e equilibrado das redes sociais, com foco na educação digital, na valorização da autenticidade e no fortalecimento de vínculos sociais que transcendam o espetáculo da imagem. Assim, será possível transformar essas plataformas em espaços mais inclusivos, criativos e emancipatórios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise e as novas formas de subjetivação.

4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade**: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COMICHE, Amália Cutane; GONÇALVES, Bruno F. **Sociedade do espetáculo**: a influência das redes sociais na construção da narrativa de uma vida como show. *Graphica*, v. 17, n. 3, p. 140-150, 2023.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1970.  
<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>

JESUS, Luciano Marques de; NUNES, Ivana da Silva. **A busca de sentido na**

**expansão das redes sociais:** qual like te sustenta? Perspectiva: Ciência e Saúde, v. 6, n. 2, p. 38-51, 2016.

<https://cientifica.cnec.br/index.php/revista-perspectiva/article/view/141/142>

LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2005.  
<https://perguntese.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/02/lipovetsky-gilles-a-era-do-vazio.pdf>

POMPEI, Telêmaco; GOUVEIA, Luís Manuel Borges; RAMOS, Paulo Fonseca Matos da Silva. **Redes sociais:** influência, identidade e diferença na contemporaneidade. Admin, em Sociedade, v. 2, n. 3, p. 93-104, 2019.  
<https://periodicos.pucminas.br/emsociedade/article/view/28188>

SILVA, Aldilene Clemente da. **Uso de dispositivos eletrônicos e redes sociais digitais:** possíveis efeitos positivos e colaterais. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.  
<https://www.repositorio.ufal.br/jspui/bitstream/123456789/10745/1/Uso%20de%20dispositivos%20eletr%C3%B4nicos%20e%20redes%20sociais%20digitais%20poss%C3%ADveis%20efeitos%20positivos%20e%20colaterais.pdf>

SOARES, Jordana Carvalho. **Faces da felicidade:** redes sociais e subjetividade contemporânea. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.  
<https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2545/1/Jordana%20Carvalho%20Soares.pdf>